



EDIÇÃO BILINGUE  BILINGUAL EDITION

WWW.PHILOS.PT

Questões da qualidade

Crónica de Carlos Castilho Pais

Passatempo

Tradumática

Álbum de Fotografias

Impressões de viagem

Quality issues

Chronicle by Carlos Castilho Pais

For fun

Tradumatics

Photo Album

Travel musings



3

Contra a Corrente 🌸 Against the Current

Mehr Licht!

4

Questões da Qualidade 🌸 Quality Issues

A propósito da *Web Summit*

About the Web Summit

5

“... da Ocidental praia lusitana” 🌸 “... from the Western lusitanian shore”

O Porto está em Festa!

Porto is in party mode!

6

Em português 🌸 In Portuguese

Crónica de Carlos Castilho Pais

Chronicle by Carlos Castilho Pais

7

Gosta de flores? 🌸 Are you a flower fan?

8

Passatempo 🌸 For Fun !!!!!

9

Crónica das Leiras 🌸 *Leiras'* farm chronicle

Canis ex Machina

10

An Englishman in Lisbon 🌸 Um inglês em Lisboa

11

Biblioteca 🌸 Library

(Re)leituras :: (Re)reading

Poemas de Vida :: Lifetime Poems

13

Tradumática 🌸 Tradumatics

Manter limpa a reciclagem do Windows

Keeping Windows Recycle bin clean

14

Álbum de Fotografias 🌸 Photo Album

21

Impressões de Viagem 🌸 Travel Musings

Da Formosa ao Rio das Pérolas: *Macau, únde ta vai?*

From Formosa to the Pearl River: *Where are you going, Macao?*



1, 2, 3 & 4 - Macao :: Macao; 5 - Porto



Mehr Licht!

Post-truth foi a palavra do ano escolhida pela Oxford Dictionaries, definida por caracterizar circunstâncias em que os apelos emocionais se sobrepõem à verdade dos factos na formação da opinião pública.

Ou seja, **pós-verdade**, na medida em que a emoção se sobrepõe à verdade.

E, também, **pseudoverdade**, porque é percebido como sendo verdade algo que, de facto, o não é.

Mas, sobretudo, falsa verdade, porque resulta de mentiras amplamente divulgadas como sendo verdades. (Joseph Goebbels escreveu no seu livro “Michael”, publicado em 1929: “Cristo não pode ter sido judeu. Não tenho de apresentar provas. É assim.”)

Recordando Umberto Eco, em O Pêndulo de Foucault: “O mundo é um enigma benigno, que a nossa loucura torna terrível, porque pretende interpretá-lo de acordo com a nossa própria vontade.”

“Pós-verdade pode tornar-se numa das palavras que definem a nossa era” – disse a Oxford Dictionaries. Permitimo-nos acrescentar que, se tal acontecer, **pós-democracia** poderá ser a próxima vencedora.

“*Mehr Licht!*” – terão sido as últimas palavras de Goethe. Fazemos delas o nosso voto para o mundo que nos espera em 2017: **Mais luz!**

Entretanto, deixamos a todos os clientes e colaboradores da **philos**, bem como a todos os nossos leitores e amigos, os melhores votos de

Boas Festas e Feliz Ano Novo!



Post-truth was the word of the year chosen by the Oxford Dictionaries, the definition of which is an adjective describing circumstances in which appeals to emotion override the truth of the facts in shaping public opinion.

In other words, it is *post-truth*, insofar as emotion overrides the truth.

It is also *pseudo truth*, in that something is perceived as being the truth, which actually is not.

But, above all else, we are talking about *false truth*, because it results from lies that are widely disseminated as being the truth. (Joseph Goebbels wrote in his book “Michael”, published in 1929: “Christ cannot have been a Jew. I have no need to prove that. It is just so.”)

In the words of Umberto Eco, in Foucault’s Pendulum: “The world is a benign enigma which is only rendered terrible by our folly of trying to interpret it according to our personal truth.”

“Post-truth may become one of the words that define our era” – said Oxford Dictionaries. Allow us to add that, if that is the case, *post-democracy* may be the next winner.

“*Mehr Licht!*” – was supposedly Goethe’s last utterance. We echo these words and wish this sentiment for the world in 2017: **More light!**

Meanwhile, we would like to transmit to all the customers and employees of **philos**, as well as all our readers and friends, our sincere wishes for

A Merry Christmas and a Happy New Year! ■

Margarida Fonseca Silva
(Managing Partner)

magazinephilos

FUNDADOR :: FOUNDER
Sílvia Oliveira

EDITOR :: EDITOR
Margarida Fonseca Silva

TEXTOS :: TEXTS
philos

COLABORAÇÃO ESPECIAL :: SPECIAL COLLABORATION
Carlos Castilho Pais

VERSÃO INGLESA :: ENGLISH VERSION
Thomas Kundert

DESIGN
Vitor Silva
Ricardo Fernandes

FOTOGRAFIA :: PHOTOS
philos
Sílvia Oliveira
(Álbum de fotografias :: Photo Album)

PUBLICAÇÃO :: PUBLISHER
philos - comunicação global, lda

WWW.PHILOS.PT
ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.



This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.



A propósito da Web Summit...

About the Web Summit



Paula Pires
-Quality Manager-

Durante a *Web Summit*, que decorreu em Lisboa no passado mês de novembro, contando com mais de 53 000 participantes de 166 países, ocorreu-me um pensamento que hoje quero partilhar convosco: também a **philos**, quando nasceu, era uma “*start-up*”, ou seja: “uma empresa ou negócio novo ou em fase de arranque, geralmente de carácter inovador e ligado à tecnologia” (Priberam); ou ainda: “uma organização construída para encontrar um modelo de negócios repetível e escalável.” (Steve Blank).

Numa profissão que aprendêramos na Faculdade ainda com papel e lápis, víamo-nos então, em plenos anos noventa, no desabrochar da era da Internet, confrontados com novos conceitos e ferramentas de tradução assistida por computador, os primeiros programas de tradução com “memória”.

A nossa formação acelerada em tecnologias não beneficiava de estágios no Vale do Silício californiano: numa primeira fase, a formação fazia-se na hora, com instruções enviadas pelos próprios clientes que facilitavam cópias dos programas, e cujo prazo de execução dos trabalhos não incluía tempo de aprendizagem; numa segunda fase, os programas, então já mais sofisticados, tinham de ser adquiridos e os manuais lidos, sublinhados e aprendidos pelas noites fora, porque os prazos de execução, além de continuarem a não incluir tempo de aprendizagem, começavam também a encurtar substancialmente.

Fomos, logo à nascença, uma empresa voltada para a internacionalização: ao fim de 4 anos, 70% do nosso volume de negócios concentrava-se no mercado internacional.

Não havia investidores, nem isenções fiscais ou programas de apoio às PME, nem sequer o conceito de PME tinha ainda sido inventado pela União Europeia. Mas uma coisa é certa: os preços de mercado da tradução eram proporcionais à exigência de qualificação e de qualidade do trabalho desenvolvido e a **philos** rapidamente se consolidou num “modelo de negócios repetível e escalável”.

Como dizia o Poeta: “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”... Continuamos, hoje, confrontados com desenvolvimentos tecnológicos que, embora já abordados ao nível da formação académica, progridem tão aceleradamente que só na prática profissional os conseguimos aprofundar. E, embora possamos dispor, aqui ou além, de programas de apoio ao investimento, lutamos diariamente com um inimigo cada vez mais difícil de combater: os preços de mercado da tradução são inversamente proporcionais à exigência crescente de qualificações e de qualidade.

Como foi bem visível na *Web Summit* de Lisboa, o mundo atual exige constante inovação e rápida capacidade de resposta a novos desafios. Sabemos que a automatização crescente dos processos obrigará, necessariamente, mais do que a um acompanhamento atento, à reformulação de conceitos, de procedimentos, de métodos e da própria organização. Na **philos**, estamos bem conscientes disso e não estamos de braços cruzados. O nosso modelo de negócios continuará a ser repetível e escalável.

Contamos também, para isso, com todos os colaboradores, internos e externos, que ao longo dos anos nos têm acompanhado e contribuído para manter o prestígio da **philos** junto dos clientes que confiam na qualidade do nosso trabalho. A todos, clientes e colaboradores, agradecemos a confiança que em nós depositam.

Termino, enviando a todos os meus votos de Boas Festas e Feliz Ano de 2017.

During the Web Summit, that took place in Lisbon in November, and was attended by over 53,000 participants from 166 countries, a thought occurred to me that I would like to share with you today: **philos**, when it was founded, was also a start-up, in other words: “a company or business that is new or starting its operations, generally of an innovative nature and linked to technology” (definition from Priberam dictionary); or, in the words of Steve Blank: “an organisation built to find a repeatable and scalable business model.”

In a profession that we learned at university still using pen and paper, we found ourselves, in the mid-1990s as the Internet era sprouted, faced with new concepts and computer-aided translation tools, the first translation programs with “memory”.

Our fast-track education in technology did not benefit from training in California’s Silicon Valley: in an initial phase, training was done on-the-job, with instructions sent by the customers themselves who supplied copies of the programs, for jobs with deadlines that did not take into account the learning time; in a second phase, the programs, now more sophisticated, had to be acquired and manuals read, underlined and learned long into the night, because the delivery deadlines, as well as not including the learning time, started getting substantially tighter.

Right from the start we were a company focused on internationalisation: after 4 years, 70% of our business volume came from abroad.

There were no investors, or tax deductions or SME support programmes, and even the very concept of SMEs had not yet been invented by the European Union. But one thing was certain: the market price of translation was proportionate to the requirements for professionalism and quality in the work carried out, and **philos** quickly consolidated a “repeatable and scalable business model”.

As the poet would say: “Times change, desires change”.

Today we still have the challenge of facing technological developments that, although now part of academic training, are advancing at such a pace that only by using them on the job can we fully master them. And, although we can take advantage here and there of investment programmes, we face a daily struggle with an enemy that is increasingly difficult to fight against: the translation market prices are disproportionate to the growing demands for qualifications and quality.

As was shown clearly at the Lisbon Web Summit, today’s world demands constant innovation and the ability to respond rapidly to new challenges. We realise that the growing automation of processes necessarily requires more than simply keeping track of the reformulation of concepts, procedures, methods and the way companies are organised. At **philos**, we are well aware of that and we are not resting on our laurels. Our business model will continue to be repeatable and scalable.

We therefore count on all our internal and external staff, who over the years have journeyed with us and contributed to maintaining the prestige of **philos** among our customers, who trust the quality of our work. To everybody, customers and collaborators, we thank you for the trust you have placed in us.

I end by wishing one and all a Merry Christmas and Happy 2017. ■



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

Luis de Camões (1524-1580)

O Porto está em festa!

Porto is in party mode!

Cem anos depois, Amadeo está de volta ao Porto! Há cem anos, de 1 a 12 de novembro de 1916, no salão de festas do Jardim Passos Manuel, onde agora se situa o Coliseu do Porto, o surpreendente traço do pintor desafiava inevitável controvérsia num meio artístico ainda pouco ou nada sintonizado com a grande revolução dos jovens pintores modernistas que, sobretudo em Paris, haviam já conquistado os salões e influenciado decisivamente a obra de Amadeo de Souza-Cardoso.

Hoje, e depois da retrospectiva do pintor modernista apresentada ainda este ano no Grand Palais, em Paris, pela Fundação Calouste Gulbenkian, muito feliz estaria Amadeo, na verdade, se pudesse estar presente, por estes dias, no Museu Soares dos Reis, vendo reconstituída a sua memorável exposição. Das 114 obras então exibidas, 81 delas estão no Soares dos Reis, apresentadas pela mesma ordem que o artista adotou no catálogo então publicado.

Não foi fácil reunir todo este conjunto de obras, hoje em dia pertencentes a diversas coleções públicas e privadas e, também por isso, este é um momento absolutamente imperdível: até 1 de janeiro de 2017, porque, tal como há cem anos, a exposição seguirá então para Lisboa, onde agora poderá ser vista no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, de 12 de janeiro a 26 de fevereiro de 2017.

Mas o Pai Natal trouxe ao Porto um sapatinho bem recheado:

As obras de Joan Miró, um dos grandes nomes do surrealismo, constituem outro momento privilegiado para os portuenses e todos os visitantes da Invicta: pintura, desenho, tapeçaria e colagem, metamorfoses várias que abarcam um período de seis décadas da carreira do grande pintor e escultor catalão, de 1924 a 1981. Com projeto expositivo assinado por Siza

Vieira, a mostra, que foi recentemente visitada pelos Reis de Espanha, inclui 80 obras de Joan Miró e estará patente ao público até 28 de janeiro de 2017.

Estas são, pois, as nossas propostas para a época festiva. Desta vez, deixamos as imagens dentro da imaginação, porque, em qualquer dos casos, os autores merecem de nós um olhar sem filtro digital...

Exceção feita a leitores geograficamente mais afastados:

<http://www.amadeosouza-cardoso.pt/en/collections/amadeo-de-souza-cardoso>

<http://serralves.pt/en/activities/joan-miro-materiality-and-metamorphosis/>

A todos, votos sinceros de Boas Festas e Feliz Ano Novo!

One hundred years later, Amadeo has returned to Porto!

One hundred years ago, from 1 to 12 November 1916, in the festival hall of the Passos Manuel Garden, which is now the site of Porto Coliseum, the painter's work challenged convention and inevitably caused controversy in an art world that was still a long way from embracing the far-reaching revolution of the young modernist painters who, especially in Paris, had won over the exhibition halls and decisively influenced the production of Amadeo de Souza-Cardoso.

Today, and following on from the retrospective display of the modernist painter's work presented earlier this year in the Grand Palais, in Paris, by the Calouste Gulbenkian Foundation, Amadeo would be delighted, for sure, if he could be present these days in the Soares dos Reis Museum, with his memorable exhibition

reconstituted. Of the 114 works on display at the time, 81 are in the Soares dos Reis Museum, presented in the same order that the artist adopted in the catalogue published at the time.

It was not easy gathering this set of works, which today belong to a broad range of public and private collections, which is another reason this exhibition is absolutely unmissable. It runs until 1 January 2017, after which, just like one hundred years ago, the exhibition will move on to Lisbon, where it can be visited at the National Museum of Contemporary Art – Chiado Museum, from 12 January to 26 February 2017.

But Father Christmas has brought another treasure in his stocking to Porto this year:

The works of Joan Miró, one of the great names of surrealism, provide another wonderful opportunity for Porto residents and all visitors to the city: paintings, drawings, tapestry and collages, a range of metamorphoses that span six decades of the great Catalan painter and sculptor's career, from 1924 to 1981.

The display designed by Siza Vieira, which was recently visited by the King of Spain, includes 80 of Joan Miró's works and will be open to the public until 28 January 2017.

These are our suggestions for the festive season. This time we leave the images within the imagination, because, in both cases, the artists in question deserve their work to be observed without a digital filter. An exception is made for the geographically distanced readers, who can enjoy a sensation of the exhibitions here:

<http://www.amadeosouza-cardoso.pt/en/collections/amadeo-de-souza-cardoso>

<http://serralves.pt/en/activities/joan-miro-materiality-and-metamorphosis/>

My sincere wishes for a Merry Christmas and Happy New Year to one and all! ■



Vitor Silva



Em português In Portuguese



Carlos Castilho Pais

[professor universitário :: university professor]

Têm surgido projetos muito interessantes nos últimos tempos, no campo da tradução. Ou melhor, sem a tradução, esses projetos não seriam possíveis. Hoje, quero dar conta de um deles, um projeto singular, de que é protagonista um poeta de Burgos (Castela, Espanha), Juan Carlos García Hoyuelos.

Há já alguns anos que a produção poética de Juan Carlos Gadcía Hoyuelos se dá a conhecer nas várias línguas ibéricas, um trajeto que conta já com duas obras publicadas pelas 'Ediciones Beta III Milenio' de Bilbao: 'Se lo digo a la noche' e 'Aire, fuego y deseo', esta última publicada em finais do ano passado. Sabemos que Juan Carlos García Hoyuelos virá a Lisboa apresentar este seu projeto nos primeiros dias de janeiro de 2017, o que confere a esta crónica uma razão de ser acrescida neste momento.

O poeta não escreve em todas as línguas ibéricas. Nas obras indicadas, o poeta assina apenas os poemas escritos em castelhano, seguindo-se-lhes as respetivas traduções, em galego, em português, em aragonês, em catalão, etc. Estamos perante um projeto de autor que não espera que a tradução das suas obras se faça mais tarde. Subjaz a esta intenção uma vontade de intervenção ibérica no campo da poesia que tem de considerar-se original e única.

Neste projeto, para além das línguas incluídas, algumas delas ditas 'minoritárias', como o mirandês ou o ladino, por exemplo, deve realçar-se a quantidade de tradutores convocados. As traduções dos poemas para determinada língua não ficaram a cargo de um só tradutor. Veja-se o caso das traduções para português. Embora desconhecendo o método da distribuição dos poemas a traduzir pelos tradutores, podemos supor que nele contou uma manifestada afinidade deste ou daquele tradutor com determinado poema.

Acompanha estas publicações um CD com gravações de récitas e de canções com os poemas de Juan Carlos García Hoyuelos. Em 'Aire, fuego e deseo' e no que diz respeito às canções em português, temos a participação de Gonçalo Salgueiro e de Filipe Gonçalves, cada um deles reconhecível no estilo de música que lhes conhecemos.

Juan Carlos García Hoyuelos estará em Lisboa no dia 13 de janeiro de 2017 no Espaço Santa Catarina. Tem, nesse dia, quem me lê, uma boa oportunidade para ouvir o poeta e compreender melhor este 'projeto poético-musical ibérico'. Porque não começar o novo ano com poesia e música? Em época de presentes, aqui está também uma boa opção. Desejo a todos Boas Festas e um ano de 2017 melhor!

In recent times, some very interesting translation projects have come to the fore. Or to put it another way, without translation these projects would not have been possible. Today, I want to talk about one of them, a singular project in which the chief protagonist is the poet from Burgos (Castilla, Spain), Juan Carlos García Hoyuelos.

For several years, the poetry of Juan Carlos García Hoyuelos has been disseminated in the various Iberian languages, thanks to two publications by the Bilbao publishing house 'Ediciones Beta III Milenio': 'Se lo digo a la noche' and 'Aire, fuego y deseo', the latter published late last year. Having learned that Juan Carlos García Hoyuelos will come to Lisbon to present his project in the first days of January 2017, this column is even more topical right now.

The poet does not write in all the Iberian languages. The aforementioned books contain poems written only in Spanish, and they are then translated into Galician, Portuguese, Aragonese, Catalan, etc. The author's idea is therefore not to wait for his works to be translated at a later date. This demonstrates an original and unique desire by the author to make his poetry available throughout the whole Iberian space.

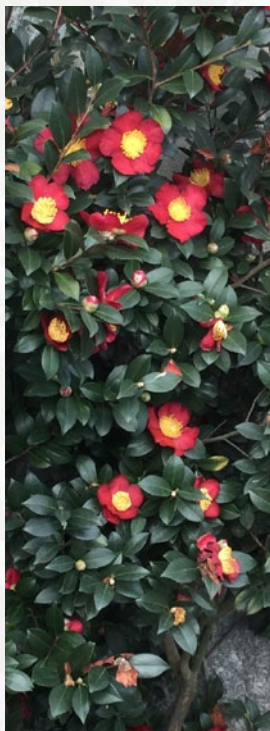
In this project, as well as the languages included, some of which are considered 'minority', such as Mirandese and Ladin, for example, the sheer quantity of translators involved is noteworthy. The task of translating the poems into a given language is not given to a single translator. One need only look at the translations into Portuguese. Although the method used to distribute the poems among the translators is unknown, one can suppose that a certain translator's affinity towards a given poem had an influence on the choice.

These publications come with a CD containing recordings of the readings and singing of the poems of Juan Carlos García Hoyuelos. In 'Aire, fuego e deseo' and with regard to the songs in Portuguese, Gonçalo Salgueiro and Filipe Gonçalves lend their voices, each one recognisable in the style of music for which they have become well-known.

Juan Carlos García Hoyuelos will be in Lisbon on 13 January 2017 at the Espaço Santa Catarina. I believe this is an excellent opportunity to listen to the poet and better understand this 'Iberian poetry-musical project'. Why not start the new year with poetry and music? In the season of gift-giving, this is also a good option. I wish everybody a Merry Christmas and all the best for 2017! ■

Gosta de flores?

Are you a flower fan?



No outono e inverno, até à chegada da primavera, as japoneiras ocupam-se em colorir os nossos dias e cobrem-se de camélias que nos encham de emoção.

Existem em todo o mundo inúmeros Clubes de apaixonados pelo seu cultivo e também no nosso país, e no Porto em particular, todos os anos se realizam concursos para premiar os cultores destas flores tão belas.

As que hoje apresentamos aos leitores são camélias Higo: originárias da antiga província japonesa de Higo, atualmente designada Kumamoto, estas camélias terão sido resultantes duma hibridação entre variedades selecionadas da camélia Japónica e da camélia Rusticana.

Ainda hoje muito apreciadas no Japão, onde algumas continuam a ser cultivadas como bonsai, as Higo terão sido, em particular, objeto de culto e tradição dos antigos guerreiros Samurais.

Incluem mais de cem variedades, algumas tão exóticas que chegam a ser perfumadas. Se quiser conhecer um pouco mais da sua história, recomendamos uma visita ao sítio: <http://www.higocamellia.it/>




In autumn and winter, until the arrival of spring, camellias add colour to our lives, the abundant flowers filling our hearts with delight.

All around the world societies have been set up for enthusiasts of their cultivation, and in Portugal, and especially in Porto, competitions are held every year to award the best growers of these flowers of outstanding beauty.

The flowers shown in the photo are Higo camellias: originating in the old Japanese province of Higo, today called Kumamoto, these camellias are the result of the hybridisation of selected varieties of the *Camellia japonica* (East Asian camellia) and the *Camellia rusticana* (snow camellia).

Still today much appreciated in Japan, where they continue to be cultivated also like bonsai, the Higo camellias in particular were an object of worship and tradition of the ancient Samurai warriors.

They include more than one hundred varieties, some so exotic that they exhale perfume. If you want to know more about their history, we recommend visiting the site: <http://www.higocamellia.it/> 

Camélias *Higo* *Camellias*



Passatempo For FUN

Uma perspectiva original, de uma ponte a que ninguém fica indiferente. Sabe o nome desta ponte e em que cidade se encontra?

Quite a different perspective of a most remarkable bridge. Do you know the name of the bridge and the city where you can find it?



Na última edição, dois dos nossos mais fiéis leitores deram a resposta certa: Templo Todaiji – Nara (Japão). Parabéns!

Two of our most faithful readers have got it right: Todaiji temple — Nara (Japan). Well done!





Canis ex Machina!



Dom Biralbo da Porta do Olival

Chegou aquela época do ano em que os humanos, normalmente, faziam questão de mostrar que eram... humanos, isto é, preocupados, tolerantes e compreensivos uns com os outros, numa palavra, amigos.

Pois bem, parece que já não é bem assim. Já me tinha constado que, no mundo dos humanos, eles, os humanos, estão a ser substituídos por máquinas. E a prova aí está: até nós, que éramos considerados os melhores amigos dos humanos, estamos, também, a ser substituídos por máquinas! Chamam-lhes robôs e, precisamente nesta época em que muitos humanos gostavam de adotar um cachorrinho para lhes fazer companhia, agora, preferem comprar uma dessas máquinas que fingem ser como nós!

Dizem eles, os humanos, que os robôs têm muitas vantagens: não precisam de comer nem de dormir, não ficam doentes, não engravidam, não desobedecem, enfim...

Pois seja! Mas, aqui só entre nós, garanto-vos que os humanos, um dia, vão arrepende-se de terem deixado de ser... humanos. E, nesse dia, vão ter saudades nossas!

That time of year has arrived in which humans used to make an effort to show that they were... humans, by showing concern, tolerance and understanding – to put it simply, friendship – to others.

Well, it seems that is no longer the case. I have noticed that in the world of humans, these very humans are being replaced by machines. And here is the proof: even us, who used to be considered man's best friend, are being replaced by machines! They are called robots, and it is exactly at this time of the year that many humans who used to like to adopt a puppy to keep them company, now prefer to buy one of these machines that pretend to be like us!

The humans claim that the robots have lots of advantages: they don't have to eat or sleep, they don't get ill, they don't get pregnant, they don't disobey you, and so on.

That's as maybe! But, just between us, I guarantee you that humans will come to regret the day they stopped being... human. And on that day, they will miss us! ■

An Englishman in Lisbon Um inglês em Lisboa

Thomas Kundert



The freelance translator's greatest challenge O maior desafio dum tradutor independente

Like every profession, freelance translation has advantages and disadvantages.

For those who prioritise a regular and secure income, who prefer a fixed routine and who like to be surrounded by people at all times, it is probably not the best option.

For those who like to work independently (and do not like to be answerable to the orders and whims of superiors), who are able to organise their time efficiently, who have a high degree of flexibility, who like variety and who prefer to work alone rather than in a team, becoming a translator is a viable choice.

After two decades in the business of translating, I have no doubt about what the greatest challenge is. Keeping up with technology changes is crucial, fostering a broad and plentiful range of work suppliers is vital and building a network of useful sources and techniques to solve translation problems is a must to ensure high-quality standards.

But the biggest challenge of all is managing the workflow. A smooth steady stream of incoming projects would be ideal, but in the real world this does not exist. How does one solve requests to translate endless reams of words one week, only to face periods of twiddling one's thumbs the next?

This thorny issue can make it particularly troublesome when it comes to planning holidays, weekend trips, or sometimes even a simple trip to the dentist!

It is a basic problem the endless advances in technology have not been able to solve. After 20 years of translating, I'm yet to find a solution that does not involve working late into the night when need be.

To offset the disagreeable perception that one is working hard while the rest of the world is resting, nothing better than to take advantage of the occasional quiet day, for example, by lapping up the wonderful Portuguese autumn and winter sunshine with a day trip to the beach, a castle, a museum, or a pretty village... while the rest of the world is working!

Merry Christmas to all the readers and may 2017 be a year full of work, rest and play!

Como qualquer profissão, a de tradutor independente tem vantagens e desvantagens.

Para quem valoriza um rendimento estável e regular, preferindo uma rotina fixa e ter a companhia permanente de pessoas, esta não será, provavelmente, a melhor opção.

Para quem prefere trabalhar de forma independente (e não gosta de ter de responder ao "querer e poder" das chefias), para quem tem a capacidade de gerir o tempo com eficiência, com elevado grau de flexibilidade, para quem gosta de variar e prefere trabalhar sozinho mais do que em equipa, ser tradutor independente é uma escolha viável.

Após duas décadas a trabalhar em tradução, não tenho qualquer dúvida de qual é o maior desafio. Acompanhar a tecnologia é crucial, desenvolver um amplo e abundante leque de clientes é vital, e construir uma rede de contactos e técnicas úteis, para resolver os problemas da tradução, é indispensável para assegurar elevados padrões de qualidade.

Mas o maior desafio é, sem dúvida, a gestão do fluxo de trabalho. O ideal, claro, seria ter um fluxo de trabalho regular, mas isso é algo que não existe no mundo real. Como resolver, então, os pedidos de tradução que, numa semana, parecem acumular-se em pilhas infindáveis, para ficarmos depois, simplesmente, de braços cruzados à espera de trabalho?

Eis o que se chama uma questão "bicuda" que pode ser particularmente complicada quando chega o momento de planear férias, fins de semana, ou até uma simples ida ao dentista!

Uma questão elementar que os avanços tecnológicos não conseguiram resolver. Com os meus vinte anos de experiência nesta matéria, ainda estou à espera duma solução que não implique trabalhar pela noite dentro quando é preciso...

Enfim, para compensar a desagradável sensação de estar a trabalhar enquanto o resto do mundo está em descanso, nada melhor do que aproveitar os períodos mais calmos para, por exemplo, tirar partido da maravilha que são os dias de sol que Portugal nos oferece no outono e no inverno, e dar um passeio pela praia, visitar um castelo, um museu, uma bonita aldeia... enquanto o resto do mundo está a trabalhar!

Votos de Feliz Natal a todos os leitores e que o Ano Novo vos traga tudo de bom! ■

FOR THE TIMES THEY ARE A-CHANGIN'

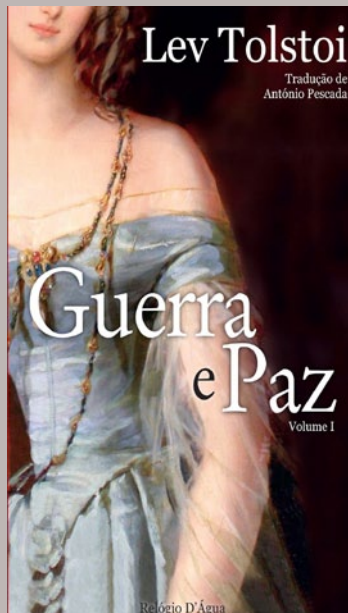
Dirigimo-nos hoje especialmente a todos aqueles que mostraram a sua decepção e descontentamento com a atribuição do Nobel de Literatura de 2016 a Bob Dylan.

Não iremos discorrer sobre o facto de Tolstoi, Kafka, Proust, Joyce, Jorge Luis Borges... nunca terem merecido as boas graças da Academia Sueca.

Queremos, apenas, dar a todos um excelente motivo para repensarem a vossa desilusão antes de conhecerem o ilustre agraciado com o Nobel da Literatura... enfim, não diremos já do próximo ano, mas, por certo, de um qualquer ano da próxima década.

E as nomeadas são...

- Deep Gimble II (treinada em poesia de domínio público)
- Tolstoyish (treinada na obra de Tolstoi)
- jNN Austen (treinada na obra de Jane Austen)



Todas as nomeadas são redes neuronais de inteligência artificial e fazem parte do corpo redatorial do Magazine Literário CuratedAI *escrito por máquinas, para pessoas* (<http://curatedai.com>).

A vencedora, é claro, será a rede neuronal Tolstoyish.

Assim se fará, finalmente, justiça ao autor de Guerra e Paz.

E agradeceremos então, à máquina, aquilo que os homens esqueceram.

Because the times they are a-changin'...



Today we address all those who expressed their disappointment and dismay at the awarding of the 2016 Nobel Prize for Literature to Bob Dylan.

We will not delve into the discussion about the fact that the likes of Tolstoi, Kafka, Proust, Joyce or Jorge Luis Borges never earned recognition from the Swedish Academy.

We just want to give an excellent reason to rethink your disappointment upon learning who is set to be an illustrious winner of the Nobel Prize for Literature. We're not saying straight away, such as next year, but certainly one year in the next decade.

And the nominees are:

- Deep Gimble II (trained in poetry of the public domain)
- Tolstoyish (trained in the work of Tolstoi)
- jNN Austen (trained in the work of Austen)

All the nominees are artificial intelligence neuronal networks and are part of the body of work published by the *CuratedAI Literary Magazine written by machines, for people* (<http://curatedai.com>).

The winner, of course, will be the Tolstoyish neuronal network.

Therefore, justice will finally be done for the author of War and Peace.

And we can thank the machine for mankind's oversight.

Because the times they are a-changin'... ■

(...)

Pronuncio o santo-e-senha primordial, dou o sinal da democracia,
Por Deus que nada aceitarei, nada que os outros não possam ter
por igual.

Em mim vivem as vozes há muito tempo emudecidas,
Vozes de intermináveis gerações de prisioneiros e escravos,
Vozes de doentes e desesperados, de ladrões e anões,
Vozes de ciclos de gestação e crescimento,
E dos fios que ligam as estrelas, e dos úteros e da seiva paternal,
E dos direitos dos ofendidos,
Dos disformes, triviais, simples, idiotas, desprezados,
Névoa no ar, escaravinhos que fazem rolar bolas de excrementos.

Vozes proibidas que passam por mim,
Vozes de sexo e luxúria, veladas vozes cujo véu afasto,
Vozes indecentes por mim purificadas e transfiguradas.

(...)



(...)

I speak the pass-word primeval, I give the sign of democracy,
By God! I will accept nothing which all cannot have their coun-
terpart of on the same terms.

Through me many long dumb voices,
Voices of the interminable generations of prisoners and slaves,
Voices of the diseases and despairing and of thieves and dwarfs,
Voices of cycles of preparation and accretion,
And of the threads that connect the stars, and of wombs and of
the father-stuff,

And of the rights of them the others are down upon,
Of the deform'd, trivial, flat, foolish, despised,
Fog in the air, beetles rolling balls of dung.

Through me forbidden voices,
Voices of sexes and lusts, voices veil'd and I remove the veil,
Voices indecent by me clarified and transfigur'd.

(...)

WALT WHITMAN *

CANTO DE MIM MESMO (XXIV)

TRADUÇÃO DE JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA

ASSÍRIO & ALVIM, LISBOA, 1992

SONG OF MYSELF (24)

THE WALT WHITMAN ARCHIVE

[HTTP://WHITMANARCHIVE.ORG/PUBLISHED/LG/1891/POEMS/27](http://whitmanarchive.org/published/LG/1891/poems/27)

*WALT WHITMAN (1819-1892)

"WHITMAN SURGE-NOS COMO O ANTÍPODA DA SOCIEDADE
AMERICANA DO SEU TEMPO. (...)

PURITANA, FORMALISTA, ELA CRIA OS DEFENSORES ACÉRRIMOS DO
SEU PURITANISMO, DO SEU FORMALISMO. CERTOS ASPETOS DO SEU
RACISMO HISTÉRICO, SÃO EVIDENTES, SOBRETUDO NAS ÉPOCAS DE
INCERTEZA SOCIAL, OU DE CONVULSÕES INTERNACIONAIS."

LUÍS EUGÉNIO FERREIRA, "WALT WHITMAN VIDA E PENSAMENTO"

GALERIA PANORAMA, DAMAIA, 1970

*WALT WHITMAN (1819-1892)

"WHITMAN EMERGED AS THE ANTIPODE OF THE AMERICAN
SOCIETY OF HIS TIME. (...)

A PURITANICAL AND FORMALIST AMERICA FOSTERED FIERCE
DEFENDERS OF ITS PURITANISM AND FORMALISM. CERTAIN
ASPECTS OF ITS HYSTERICAL RACISM ARE OBVIOUS, ESPECIALLY
IN THE EPOCHS OF SOCIAL UNCERTAINTY, OR INTERNATIONAL
TUMULT."

LUÍS EUGÉNIO FERREIRA, "WALT WHITMAN - VIDA E
PENSAMENTO (WALT WHITMAN - LIFE AND THOUGHT)"

GALERIA PANORAMA, DAMAIA, 1970 ■

**Manter limpa a Reciclagem do Windows,
uma tarefa simples!**

**Keeping Windows Recycle bin clean,
a simple task!**





Muitas vezes, aquando duma intervenção técnica num posto de trabalho, deparamo-nos com um ambiente de trabalho e reciclagem repletos de informação desnecessária, ocupando recursos, muitas vezes preciosos.

Ao contrário do sistema operativo da Apple - Mac OS, que nos permite configurar e automatizar a limpeza do sistema, eliminando ficheiros com mais de 30 dias, no sistema da Microsoft, o Windows, não temos disponível esta funcionalidade diretamente. Então, porque não criar uma tarefa que periodicamente execute todo o processo de limpeza da reciclagem, eliminando assim os ficheiros mais antigos e desnecessários de forma automática?

Neste artigo, e nos passos que se seguem, vamos criar uma tarefa que irá correr semanalmente, com a ação de esvaziar a reciclagem do nosso sistema.

No menu iniciar escrevemos **Programador de tarefas** para abrir a aplicação com o mesmo nome e, na janela apresentada, do lado direito, selecionamos – **Criar Tarefa Básica**.

Vamos agora inserir um **Nome** e uma **Descrição** para posteriormente identificar a tarefa.

Assim escolhidos o Nome e a Descrição, é necessário definir a periodicidade com que a tarefa será executada, pelo que, neste nosso exemplo, vamos escolher **semanalmente**.

Depois, escolhemos o dia e a hora a que a tarefa de limpeza deve ser executada.

Nota: o computador tem sempre de estar ligado à hora de execução da tarefa, caso contrário, a tarefa não será iniciada.

De seguida, há que definir a ação da tarefa, pois pode ser a execução de um programa, o envio de uma mensagem, etc.

Neste caso, o pretendido é a execução de um programa, nomeadamente a linha de comandos; para tal, vamos preencher em **Programa** a instrução de chamada ao executável da linha de comandos: **cmd.exe**.

Agora, vamos inserir os argumentos que se seguem em baixo.

Nota: São estas instruções que vão executar a limpeza da reciclagem:

```
/c "echo Y|PowerShell.exe -NoProfile -Command Clear-RecycleBin"
```

Por fim, é conveniente verificar se todos os passos estão bem definidos e clicar no botão **Concluir** para finalizar a configuração da nova tarefa.

Para garantir que esteja tudo correto e que não haja erros em execuções futuras, a tarefa criada pode ser executada de imediato.

Para isso, dentro de **Biblioteca do Programador de Tarefas**, vamos selecionar a tarefa que criámos e, do lado direito da janela do **Programador de Tarefas**, clicar em **Executar**.

Se tudo correr como esperado, todos os ficheiros contidos na reciclagem serão eliminados nos dias e horas definidos.

Nota: o método aqui utilizado, com alguns ajustes, pode ser utilizado para diferentes tarefas no nosso sistema.

Com todo o sistema automatizado, sinto que vão poder usufruir de uma quadra natalícia bem tranquila, assim, aproveito para vos desejar um fantástico e Feliz Natal.

E, claro, um excelente Ano de 2017!!

When making a technical intervention at a workstation we often notice a worktop and recycle bin full of unnecessary information, occupying resources that are often precious.

In contrast to the Apple - Mac Operating System, which allows us to configure and automate the cleaning of the system, deleting files that are more than 30 days old, in the Microsoft Windows system, this functionality is not directly available. So why not create a task that periodically runs the whole recycle bin cleaning process, deleting the oldest and most unnecessary files automatically?

In this article we give you step-by-step instructions on how to create a task that will run on a weekly basis, emptying the recycle bin of our system.

On the start menu, write **Task Scheduler** to open the application of this name, and in the window, on the right-hand side, select **Create Basic Task**.

Now insert a **Name** and a **Description** to later identify the task.

When choosing the Name and Description, we have to set the frequency at which the task will be run, and in our example we select **weekly**.

We then set the date and time that the cleaning task should be run.

Note: the computer must be switched on when the task is scheduled to run, otherwise the task will not start.

Next, we have to define the task action, given that it can be the running of a program, the sending of a message, etc.

In this case, we intend a program to be run, namely the command line; to do so, we will fill in **Program** with the call instruction to run the command line: **cmd.exe**.

Now, we insert the following lines of programming.

Note: These are the instructions that will clean the recycle bin:

```
/c "echo Y|PowerShell.exe -NoProfile -Command Clear-RecycleBin"
```

Finally, it is best to check that all the steps are well defined and then to click on the **Finish** button, to end the configuration of the new task.

To make sure everything is correct and that no errors will occur when running the program in the future, the task created may be run immediately.

To do so, inside the **Task Scheduler Library**, select the task that has been created, and on the right-hand side of the **Task Scheduler** window, click on **Run**.

If everything goes to plan, all the files in the recycle bin will be deleted on the dates and times set.

Note: the method described here, with some adjustments, can be used for different tasks in our system.

With the whole system automated, I'm sure you will be able to enjoy a calm festive season, and I take advantage to wish you a fantastic and Happy Christmas.

And, of course, an excellent 2017!!!

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Recordamos nestas páginas fotografias do nosso sócio fundador, Sílvio Oliveira, e também citações extraídas dos seus livros e autores preferidos.

“Pode discutir-se se a desordem em que estamos mergulhados
– desde a económica até à da legalidade e da ética
– releva ou não, em sentido próprio, do conceito de caos.
Do que não há dúvidas é de que o habitamos como se fosse o
próprio esplendor.”

O Esplendor do Caos

Eduardo Lourenço



PHOTO ALBUM

On these pages we gather photographs in remembrance of our founding partner, Sílvio Oliveira, and also citations from his preferred books and authors.

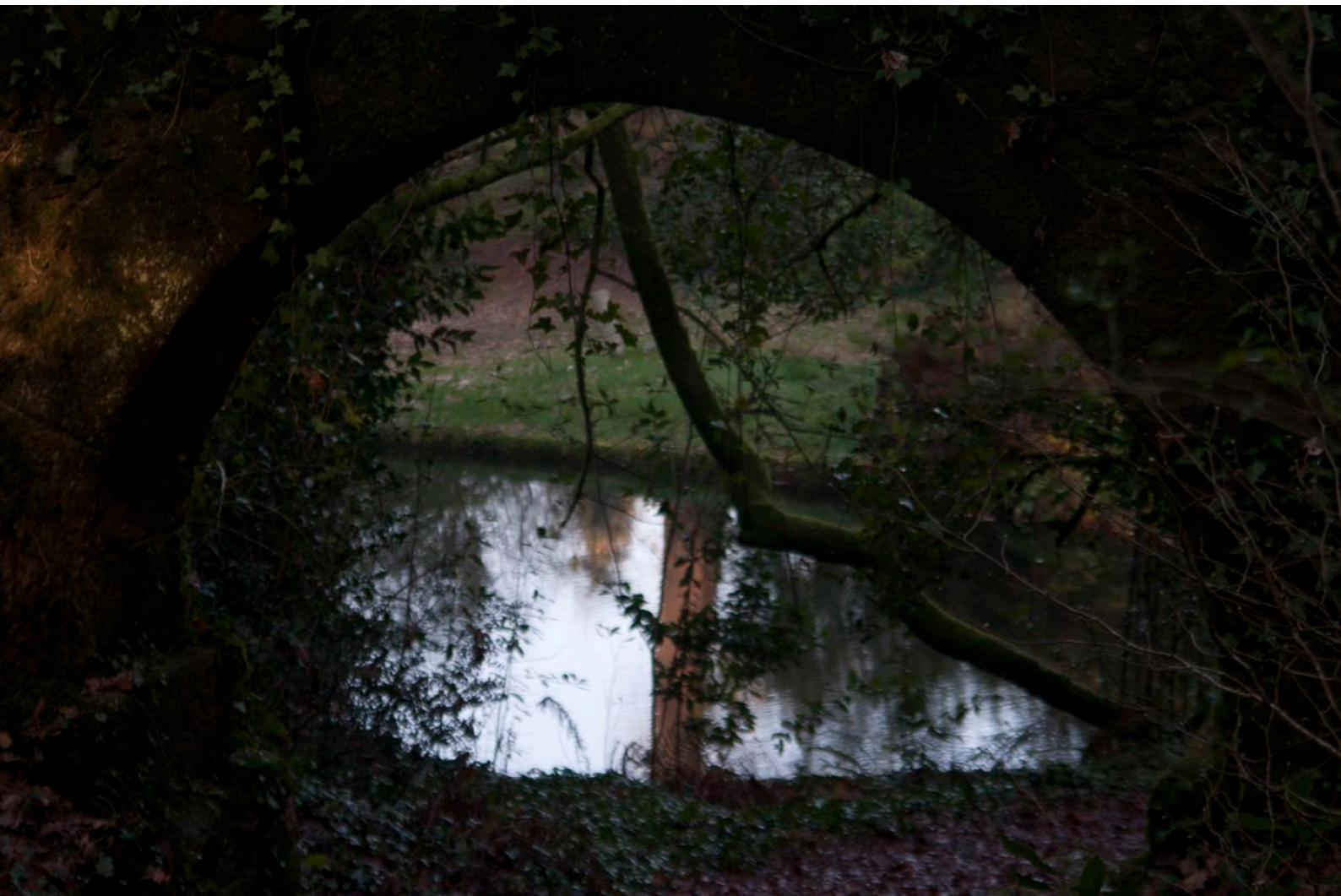
“You can argue about whether the disorder in which we are immersed – from economics to legality and ethics – highlights or not, in itself, the concept of chaos. What is without doubt is that we live in it as if it was splendour itself.”

O Esplendor do Caos (Chaos and Splendor)

Eduardo Lourenço













da
FORMOSA
ao RIO das
PÉROLAS
from
FORMOSA
to
PEARL RIVER



- Macau, únde ta vai?



Margarida Fonseca Silva

Fotos de / Photos by Yang Lin

Foi nos tempos áureos da mítica Rota Marítima da Seda que Macau se tornou posto avançado do comércio entre a Ásia e a Europa. Eram os tempos da pataca de prata portuguesa, em memória da qual Macau mantém nos dias de hoje o nome da sua moeda.

Os atuais registos arqueológicos comprovam que a minúscula península de Macau foi habitada desde quatro a seis mil anos antes da chegada dos portugueses. Mas terá sido já no século XV, durante a dinastia Ming, que uma comunidade de pescadores oriundos do continente chinês, das regiões de Cantão e Fujian, lhe deu o nome de *Ou Mun*, ou Porta da Baía, ali fazendo erguer um templo à deusa taoista A-Má, protetora de pescadores e marinheiros.

O templo, construído no extremo sul da península, à entrada do Porto Interior, foi restaurado pelos portugueses em 1828 e é, hoje, o mais emblemático símbolo da cultura chinesa em Macau, integrando o Centro Histórico que é Património Mundial da Humanidade. É composto por seis pavilhões de épocas distintas, sendo cada pavilhão dedicado ao culto de uma divindade chinesa e contemplando não só o taoísmo, como o confucionismo, o budismo e diversas crenças populares.

Do nome da deusa terá, justamente, derivado o nome de Macau, a partir da designação cantonense “A-Má-Gau”, ou Baía de A-Má.

Para “épater chinois”

Duma península inicial com menos de 4 quilómetros quadrados, Macau chega, pela implantação de sucessivos aterros, a um território com 31,3 quilómetros quadrados e 636 mil habitantes no final de 2014, com uma densidade populacional superior a 20 mil pessoas por quilómetro quadrado.

Pelo caminho ficou toda a beleza daquela que foi considerada uma das mais belas baías do Oriente, a Baía da Praia Grande, fechada em 1996 para criar os lagos Nam Van e construir os aterros onde estão a Torre de Macau, o edifício da Assembleia Legislativa e o dos tribunais superiores.

Dois anos antes, no início de 94, seriam

também lançados os aterros Taipa-Coloane, uma vasta área antes preenchida pelo istmo que fazia a ligação entre as duas ilhas, hoje designada Cotai (Co, de Coloane e Tai de Taipa).

Macau, na ânsia de copiar o pior de Hong Kong, autodestrói-se com afinco. E não é de hoje esta febre. Basta olhar as velhas fotografias e ver os prédios magníficos sacrificados ao progresso bronco - o antigo Palácio do Governo, as velhas casas da Praia Grande, o Hospital Militar de S. Januário. (João Aguiar in “Os Comedores de Pérolas”, Edições Asa, 1992).

Imagine-se o que diria, hoje, o autor de “A Voz dos Deuses”, perante a coleção de aberrações arquitetónicas para “épater chinois” que invadiram a península de

Macau em geral e o “Cotai strip” em particular.

Dizia há alguns anos, em Veneza, Tadao Ando, vencedor do Pritzker de 1995:

O que mais receio, hoje, é que a arquitetura dos investidores esteja a substituir a arquitetura da cultura e do espírito.

Ou, como diria o nosso Antero: *São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé para parecerem alguma coisa.*

A velha alma luso-asiática

Em Macau, permanecem arquivos e museus, com antigas cartas de marear, reportes de terras apenas encontradas, memórias da Memória maior que foi a saga quinhentista >>







dos navegadores portugueses.
Permanecem, ainda, algumas nobres pedras, que a Unesco consagrou Património Mundial.

A velha alma luso-asiática?

Deambulará, quem sabe, por aí, feita tonta, procurando em vão a linha perfeita da Baía da Praia Grande...

Ou andará, em noites incandescentes de lua cheia, a espreitar por detrás da fachada das Ruínas de São Paulo ou no templo de A-Má... Habitará, algures, entre as velhas muralhas do Forte de Mong Há?

Ou errará, triste musa em busca do Poeta, no Jardim de Camões, junto aos pássaros que sobrevoam a fonte do “Abraço” ou nos gestos que desenham artes de *tai chi*...

Há quem assegure pressentir-lhe a sombra fugidia na Colina da Fénix, no hálito morno das madrugadas, por entre as flores rubras das acácias...

E há quem anuncie a sua aura sobre a capela da Senhora da Guia, junto ao sino que prenunciava outrora o bafo pesado dos tufões...

A velha alma luso-asiática?

Talvez sobreviva, oculta nas artes culinárias duma gastronomia cujas raízes lusas se enriqueceram de múltiplos aromas rescendendo a terras de África, da Índia, da Ásia...

Ou até persista, titubeando esse crioulo português que é o patuá macaense nascido no pó dos séculos e hoje quase regressado às cinzas...

A velha alma luso-asiática?

Ficará flutuando apenas durante um curto instante na eternidade chinesa o perfume do outro tempo levado há séculos da beira-Tejo e, como ruína vinda desse tempo não imperial, a fachada luminosa de uma igreja jesuíta, recortada contra um céu indiferente. (Eduardo Lourenço – “O relógio de Tiananmen ou o fim do Oriente” in Diário de Notícias, 1997).

Alma minha, gentil, que te partiste...

Assim chorava Camões a bela Dinamene, como se já, premonitoriamente, lavrasse em verso a partida da alma lusa de Ou Mun.

Macau, únde ta vai?

Para onde vais, Macau?

Post Scriptum:

O jogo, como o ópio e as tríades que os controlam, são tão antigos como a antiqüíssima civilização chinesa. Em Macau, os seus

submundos estiveram lá sempre, ontem até mais descaradamente do que hoje.

Daí que não surpreenda, afinal, aquele fato veneziano à entrada dum colossal cenário de ópera bufa.

Um dia, Macau não será conhecido, talvez, senão como o “Cotai strip”, uma espalhafatosa feira de jogo e de construções delirantes feitas a estêncil.



It was in the golden era of the mythical maritime Silk Route that Macao became an advanced trading station between Asia and Europe. It was the time of the Portuguese silver pataca coin, in memory of which Macao maintains the name of its currency today. Archaeological remnants show that the tiny peninsula of Macao was inhabited from four thousand to six thousand years before the arrival of the Portuguese. But it was in the 15th century, during the Ming dynasty, that a community of fishermen coming from the Chinese mainland, from the regions of Guangdong and Fujian, gave it the name of *Ou Mun*, which means Bay Gate, raising a temple there to the Taoist goddess A-Má, protector of fishermen and sailors.

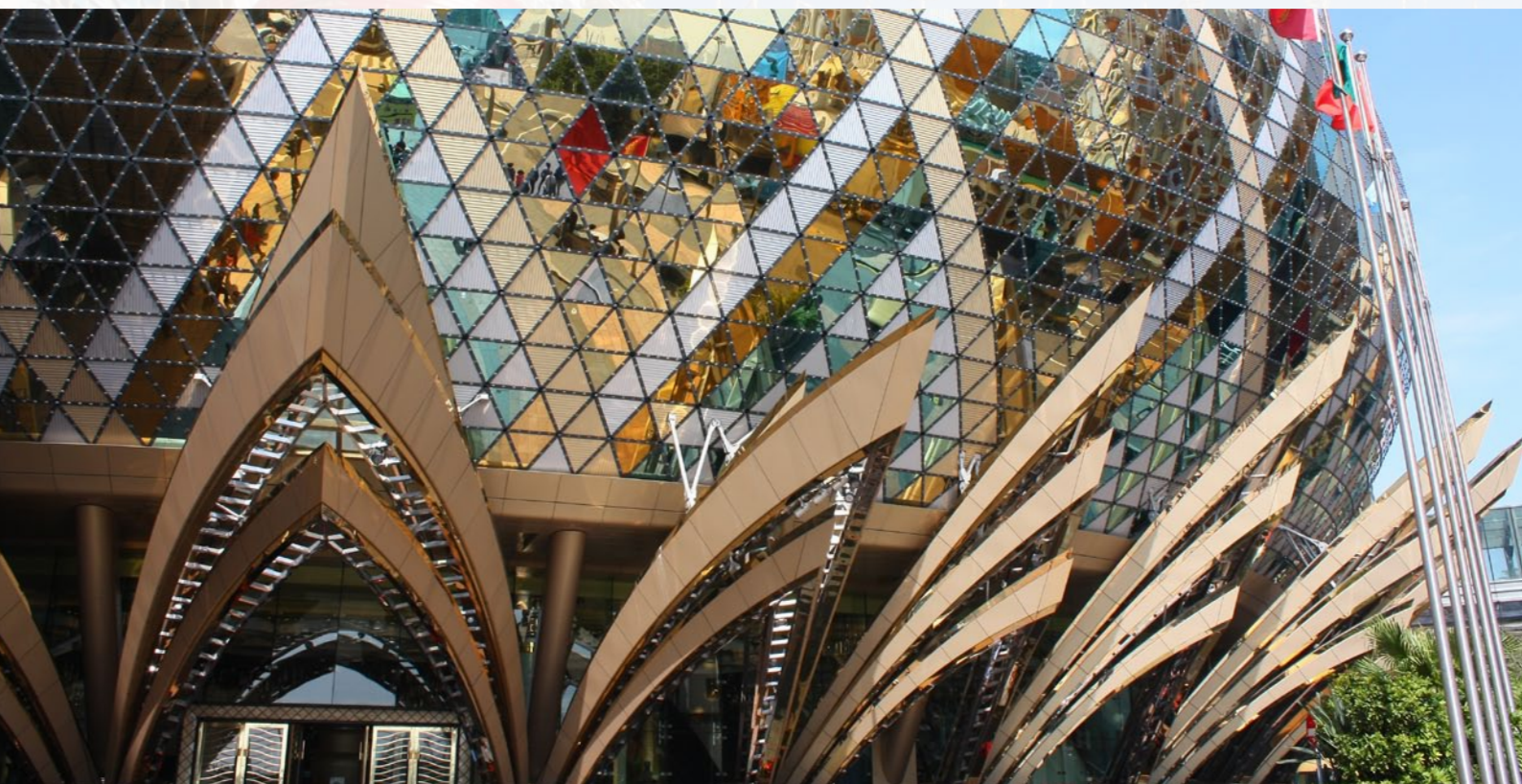
The temple, built on the southern tip of the peninsula, at the entrance of the Interior Porto, was restored by the Portuguese in 1828 and is today the most emblematic symbol of Chinese culture in Macao, and is part of the Historical Centre that is considered a site of World Heritage of Humanity. It comprises six pavilions from different epochs, with each pavilion dedicated to the worship of a Chinese divinity, encompassing not only Taoism, but also Confucianism, Buddhism and a range of other popular creeds.

The name of the God gave rise to the name of Macao, from the Cantonese “*A-Má-Gau*”, meaning Bay of A-Má.

For “Chinese yuppies”

The initial peninsula covered only 4 square kilometres, but Macao today has an area of 32.3 square kilometres thanks to successive landfills, and was home to 636,000 people at the end of 2014, with a population density of more than 20,000 people per square kilometre.

What was considered one of the most beautiful bays in the Eastern world, the Praia Grande Bay, is no longer with us following its >>



closure in 1996 to create the Nam Van lakes and to construct the landfills where Macao Tower, Parliament and the supreme courts are located.

Two years previously, at the start of 1994, the landfills of Taipa-Coloane were also started, a vast area that used to be filled by the isthmus that connected the two islands, today called Cotai (Co, from Coloane and Tai from Taipa).

Macao, in its anxiety to imitate the worst of Hong Kong, has destroyed itself with vigour. And this affliction is no modern occurrence. One need only look at the magnificent buildings sacrificed in the name of thoughtless progress – the former Government Palace, the old houses of Praia Grande, the S. Januário Military Hospital. (João Aguiar in “Os Comedores de Pérolas” (The Pearl Eaters), Edições Asa, 1992).

Imagine what the author of “*A Voz dos Deuses*” (The Voice of the Gods) would say today when faced with the array of architectural aberrations for the “Chinese yuppies” who invaded the Macao peninsula in general and the “Cotai strip” in particular. Some years ago, Tadao Ando, Pritzker Award winner in 1995, said in Venice:

What I most fear today is that the architecture of the investors is replacing the architecture of culture and the spirit. Or, as our Antero would say: *They are the decorators of shiny minutiae. They erect nothingness to make it seem like something.*

The old Portuguese-Asiatic soul

In Macao archives and museums remain, accommodating old sea navigation charts, reports from newfound lands, memories of the greater Memory that was the 16th-century saga of the Portuguese navigators. A few noble stones have survived, which Unesco have consecrated as World Heritage. What of the old Portuguese-Asiatic soul? Perhaps it is wandering around there, getting dizzy while fruitlessly searching for the perfect line of the Praia Grande Bay. Or is it wandering, on incandescent nights of the full moon, peering behind the façade of the ruins of São Paulo or in the A-Má temple?

Is it nestled somewhere between the old walls of the Mong Há Fortress?

Or has it strayed, like a melancholy muse in search of the Poet, into the Garden of Camões, amongst the birds that fly over the “Embrace” Fountain or in the gestures that outline the art of *tai chi*?

Some claim to feel its slinking shadow at Phoenix Hill, in the warm breath of the dawns, slithering between the fiery flowers of the acacias.

And others say its aura is present over the Senhora da Guia chapel, next to the bell that in bygone times signalled the coming of the mighty typhoon winds.

What of the old Portuguese- Asiatic soul? Perhaps it survives, hidden in the culinary arts of a gastronomy the Portuguese roots of which are enriched by the multiple aromas born in the lands of Africa, India, Asia.

Or maybe it lives on through this Portuguese

creole that is the Macao vernacular, born in the dust of the centuries and today almost returning to ashes.

What of the old Portuguese-Asian soul?

The perfume that in distant centuries was brought from the shores of the River Tagus will remain floating only for a short instant in the Chinese eternity, and like a ruin from this non-imperial time, the luminous façade of a Jesuit church, silhouetted against an indifferent sky. (Eduardo Lourenço – “O relógio de Tiananmen ou o fim do Oriente” (The Tiananmen clock or the end of the Orient) in the Diário de Notícias newspaper, 1997).

Dear gentle soul, you that departed...

That was how Camões bewailed his Dinamene, as if he already put into verse the departure of the Portuguese soul from Ou Mun.

Macao, únde ta vai?

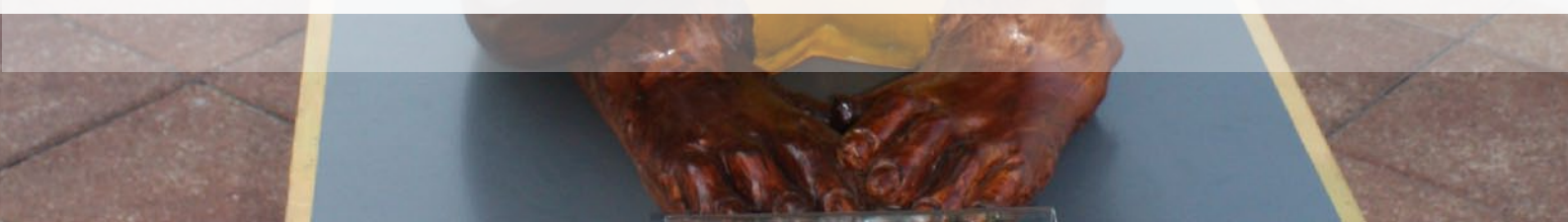
Where are you going, Macao?

Post Scriptum:

Gambling, like opium and the triads that control them, are as old as the ancient Chinese civilisation. In Macao, the underworlds linked to these aspects of society were an ever-present, in the past more openly present than today.

So, it is no surprise, at the end of the day, to see the Venetian outfit at the doorway of a colossal comic opera scenario.

One day, Macao will possibly not be known for anything other than its “Cotai strip”, the glitzy gambling fair and delirious stencil-designed constructions. ■





Esperamos que tenha gostado.
Hope you have enjoyed.